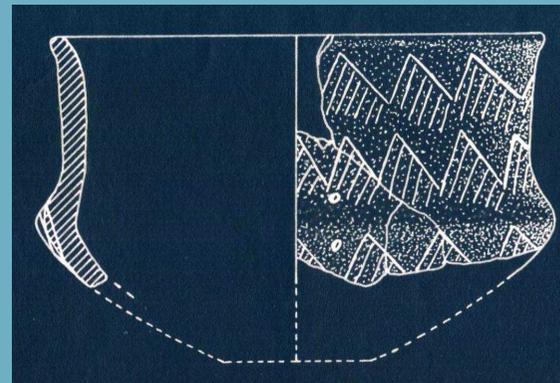


**A CERÂMICA DE ENGOBE BRUNIDO  
DO MONTE DE SÃO MARTINHO  
(CASTELO BRANCO)**

**Slip burnished pottery of São Martinho Hill  
(Castelo Branco)**



J. Carlos Pires Caninas

Vila Velha de Ródão, 2011

**A CERÂMICA DE ENGOBE BRUNIDO  
DO MONTE DE SÃO MARTINHO (CASTELO BRANCO)<sup>1</sup>**

**Slip burnished pottery of São Martinho Hill  
(Castelo Branco)**

J. Carlos Pires Caninas<sup>2</sup>

**Palavras-chave**

Cerâmica de engobe brunido, Bronze Final, Monte de São Martinho

**Key words**

Slip burnished pottery, Late Bronze Age, São Martinho Hill

**Resumo**

Notícia do achado de fragmentos cerâmicos correspondentes a taças com decoração incisa e brunida, atribuíveis ao Bronze Final, originárias do Monte de São Martinho, importante sítio arqueológico situado nos arredores da cidade de Castelo Branco.

**Abstract**

News of the finding of fragments corresponding to ceramic cups with incised and burnished decoration, attributable to the Late Bronze Age, originating from São Martinho Hill, an important archaeological site situated on the outskirts of the city of Castelo Branco.

---

<sup>1</sup> Este texto foi publicado originalmente no nº 2 (1979) de Preservação, boletim informativo do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Foram introduzidas algumas rectificações no texto original.

<sup>2</sup> Membro do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

## A CERÂMICA DE ENGOBE BRUNIDO DO MONTE DE SÃO MARTINHO (CASTELO BRANCO)

J. Carlos Pires Caninas

O Monte de São Martinho (Figura 1), situado a cerca de 3,5 km para SE de Castelo Branco<sup>3</sup>, é um dos relevos quartzíticos dos arredores da cidade. As suas condições estratégicas favoreceram o estabelecimento de uma comunidade humana, em condições que evidentemente ainda desconhecemos, visto pouco ou nada se ter feito no domínio da escavação metódica.

O acesso de norte é fácil, em contrapartida a encosta sul é consideravelmente escarpada, apresentando por isso boas defesas naturais para uma população que aí se acoitasse ou vivesse.

Este local tem-se revelado uma importante estação arqueológica, merecedora de todas as medidas indispensáveis à sua protecção e divulgação por parte das entidades distritais, uma vez que o seu estudo viria preencher mais uma de muitas lacunas que o quadro cronológico da região apresenta.

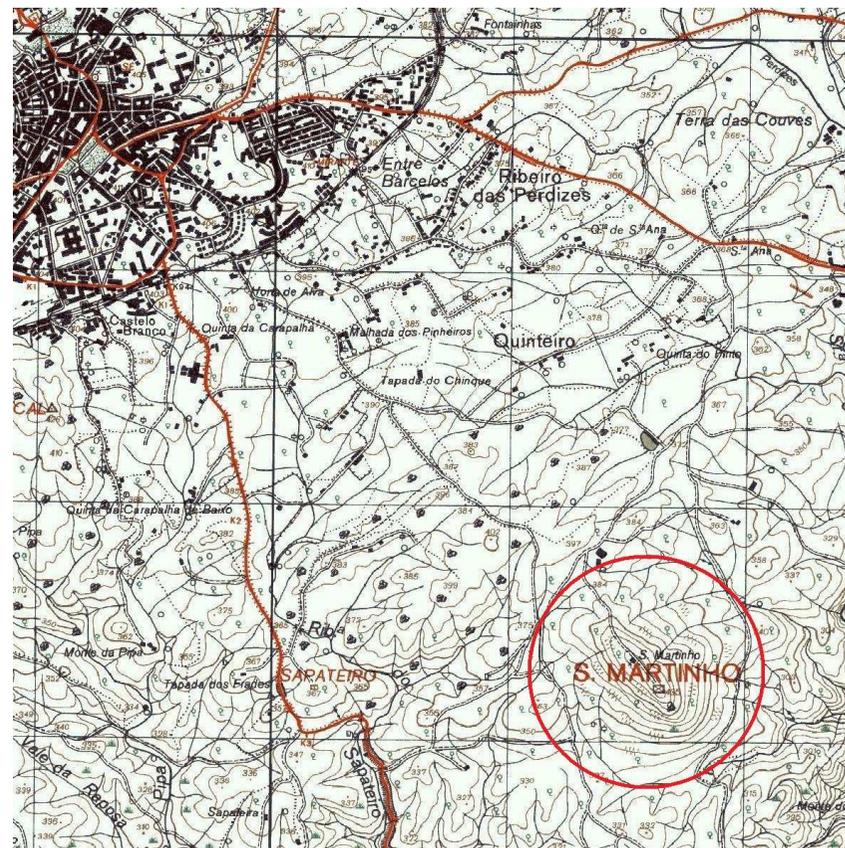


Figura 1. Localização do Monte de São Martinho sobre extracto da Carta Militar de Portugal.

<sup>3</sup> Veja-se a folha nº292 da Carta Militar de Portugal, do Serviço Cartográfico do Exército.

A descoberta de vestígios de uma ocupação remota, neste local, deve-se a Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916)<sup>4</sup>, arqueólogo que, pelo seu incansável trabalho em prol da arqueologia deste distrito, constitui presença constante no espírito de quantos actualmente aqui investigam.

Em 1906, Tavares Proença renova as escavações iniciadas durante a campanha que decorreu entre Setembro e Outubro de 1903, no cimo do Monte de São Martinho e dá-nos conta dos vestígios postos a descoberto: *“nas escavações consegui desentulhar em extensão bastante grande o fosso e finalmente em 1906, no pouco tempo de que pude dispor deixei a descoberto em dois pontos das muralhas”*<sup>5</sup>.

De então para cá não se voltaram a realizar escavações, infelizmente muitas covas foram abertas por “caçadores de tesouros” ou simples curiosos mal orientados.

Ao longo do tempo, foram várias as comunidades que povoaram este local. É o que aparentemente nos mostra a variedade dos testemunhos

ali encontrados<sup>6</sup>. Tudo indica que a ocupação remontaria inicialmente ao Neolítico ou já ao Calcolítico. As três famosas estelas insculturadas, expostas no Museu desta cidade, remontam à idade de Bronze (final), segundo Martin Almagro<sup>7</sup>, primeiro sistematizador deste tipo de estelas. Outros especialistas tendem a recuar um pouco a cronologia, dentro de Idade do Bronze<sup>5</sup>.

Do conjunto de materiais recolhidos à superfície, sobressai um tipo cerâmico praticamente desconhecido na Beira Baixa. É a cerâmica de engobe brunido, cuja designação cultural tem oscilado ultimamente entre Idade do Bronze (final) e Idade do Ferro. Os fragmentos recolhidos permitem-nos reconhecer algumas formas típicas, porém não vamos inventariar todos os perfis reconhecidos, mas simplesmente descrever sucintamente fragmentos de quatro taças recolhidas naquela estação

<sup>4</sup> Antiquidades, Coimbra 1903: Archeologia do Distrito de Castello Branco, Leiria 1910.

<sup>5</sup> F. Tavares de Proença Júnior, Inscrições inéditas, in Archeologo Português, Vol. XV, 1910, p. 41

<sup>6</sup> A quase totalidade do material recolhido à superfície ou em escavações encontra-se depositado no Museu Francisco Tavares Proença Jr. (Castelo Branco).

<sup>7</sup> Martin Almagro, Las estelas decoradas del Sudoeste Peninsular, in Biblioteca Praehistorica Hispana, Vol. VIII, 215p. Madrid, 1966; Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro, Las estelas decoradas de la Herdade do Pomar (Beja- Portugal) - estudio comparado, in Trabajos de Prehistoria, Vol. 34, Madrid, 1978.

arqueológica por elementos do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (NRIA) em 1972 (Figura 2) e posteriormente<sup>8</sup>.

A romanização está perfeitamente atestada por inúmeros vestígios tanto no castro como nas planícies e campos adjacentes ao monte. Merecem especial referência as três aras<sup>9</sup> ultimamente descobertas, pelo NRIA, na área do castro e que segundo cremos pertenceriam a locais de culto (em função da diversidade de divindades), que marcariam a pacificação definitiva da população proto-romana. Ter-se-ia iniciado então o abandono do local. É uma hipótese. No entanto, o facto de ali já se terem recolhido tégulas de rebordo e *terra sigillata*, a indicarem uma vivência local na época Romana, leva-nos a admitir duas outras vias. Isto é, ou a desocupação do povoado se deu muito depois da sua conquista pelos romanos, já tardiamente, ou então, a ocupação passou a ser parcial e simultânea ao funcionamento, no local, dos hipotéticos locais de culto de que se encontraram algumas aras (do espólio

original). Actualmente, ali existe uma capela de que é orago São Martinho.

Quanto a soluções de continuidade na ocupação deste espaço, se as houve, o que é perfeitamente plausível, só uma escavação bem orientada nos poderá elucidar, além de revelar com exactidão os diversos níveis de ocupação.

Para os que porventura nunca tenham ouvido falar na cerâmica de engobe brunido, passamos seguidamente à descrição do processo e técnica de decoração<sup>10</sup>. Este efeito particular (tipo de acabamento) que é o brunido obtém-se fazendo passar pela superfície do barro moldado (vaso) um seixo rolado ou uma espátula, antes do cozimento. Resulta um polimento da superfície. A cerâmica diz-se engobada<sup>11</sup> quando é revestida por uma aguada que a torna mais macia e lisa. Se a este processo inicial se sobrepuser um brunimento (parcial) mais vincado obtém-se uma decoração brunida e após o cozimento nota-se um

---

<sup>8</sup> Na edição original foram publicados desenhos de dois fragmentos cerâmicos correspondentes ao bordo, colo e arranque de carena de duas pequenas taças. Esses desenhos não se incluem nesta edição atendendo à má qualidade da sua execução.

<sup>9</sup> Estas inscrições serão oportunamente publicadas por José Manuel Garcia e alguns elementos do NRIA.

---

<sup>10</sup> E. da Cunha Serrão, As cerâmicas de retícula brunida das estações arqueológicas espanholas e com ornatos brunidos da Lapa do Fumo, in Actas das I Jornadas Arqueológicas, II Lisboa, 1970.

<sup>11</sup> Engobe - pasta de barro colorida muito diluída, com que se pintam recipientes de barro, antes de cozidos, in Tesouros do Museu de Bagdad (desde os tempos primitivos até à época muçulmana), Lisboa 1965.

contraste decorativo entre um tom mais escuro da linha decorativa e um tom mais claro do fundo com engobe ou simplesmente alisado. Não se trata de uma pintura como à primeira vista poderia parecer.

A decoração para além de brunida poderá também ser feita através de incisões, é a decoração esgrafitada. Observam-se estas duas variantes nos materiais agora publicados.

Descrição do material<sup>12</sup>:

1. O fragmento apresentado na Figura 2 – nº 1 define uma pequena taça carenada de fabrico manual. Tem colo vertical e bordo ligeiramente saliente. A carena ou bojo é igualmente saliente e arredondada. O engobe castanho claro beije, com manchas cinzentas está totalmente brunido. O fragmento encontrado mostra um furo de suspensão, de direcção vertical, no bojo. A decoração é incisa ou esgrafitada sendo constituída por filas de triângulos, preenchidos por linhas oblíquas de direcção uniforme (decoração em dente de lobo)<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Os desenhos da Figura 2 são da autoria de João Ludgero Marques Gonçalves (JLMG) a quem se agradece a cedência para publicação. Estas peças foram furtadas enquanto depósito na Casa da Cultura de Castelo Branco.

<sup>13</sup> Descrição de JLMG: fragmento de bordo e carena. Elementos não-plásticos escassos, barro fino, pasta compacta, superfície espatulada e cor castanho-amarelado. Decoração na superfície externa com motivos reticulados finamente incisos.

2. A taça definida na Figura 2 – nº 2 tem maior diâmetro que a anterior. É igualmente de fabrico manual. O colo é ligeiramente inclinado e a carena mais suave. O engobe (?) com um tom castanho mais escuro está também brunido. Neste caso a decoração é brunida, sendo constituída por uma única faixa (definida) de triângulos, preenchidos de modo análogo ao anterior. Esta única faixa distribui-se no colo ocupando-o quase totalmente. Por ser uma decoração brunida nota-se com certa dificuldade<sup>14</sup>.

3. Fragmento de colo e bordo de uma taça, também de fabrico manual e com vestígios de arranque da carena. A pasta é clara e o engobe cinzento-escuro, estando igualmente brunida. A decoração é brunida, tendo por motivo, aliás frequente, uma rede de linha oblíquas cruzadas. Peça depositada no Museu Francisco Tavares de Proença Jr.

4. Idem do caso anterior. Peça também depositada no Museu.

<sup>14</sup> Descrição de JLMG: fragmento de bordo e carena. Elementos não-plásticos escassos, barro fino, pasta compacta, superfície espatulada e cor castanho-amarelado. Decoração na superfície externa com motivos reticulados brunidos castanho-escuro.

Estas taças correspondem à forma 8c da cultura de Alpiarça<sup>15</sup>. Em ambos os casos a pasta é fina e a decoração geométrica. No caso da Figura 2 – nº 1 convém salientar uma curiosa particularidade. Como em tempos me fez notar Gustavo Marques, é muito raro, como no caso observado, a decoração estender-se por toda a superfície do vaso (colo e bojo). De uma maneira geral os motivos gravados limitam-se ao colo e parte superior do bojo, ou à parte inferior do bojo.

Estes exemplares de São Martinho, mostram estreitas afinidades com as taças do mesmo tipo encontradas no Castelo Velho do Caratão<sup>16</sup>. A par desta variedade aparece também a cerâmica com decoração em SS, porventura de uma fase posterior. Os bordos denteados (forma decorativa) encontrados em São Martinho, acompanham com toda a probabilidade as cerâmicas de engobe brunido, estando excluída a hipótese de pertencerem a um nível calcolítico<sup>10</sup> como sucede em diversas estações da região estremenha. Tal como nos castros do

<sup>15</sup> Gustavo Marques e Miguéis Andrade, Aspectos da Proto-História do Território Português, 1- Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), in Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I; Gustavo Marques, Arqueologia de Alpiarça, in Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", Porto 1972.

<sup>16</sup> Maria Amélia Horta Pereira, Monumentos históricos do concelho de Mação, 1970.

Caratão e Baiões<sup>10</sup> também em São Martinho são frequentes os pesos de tear (?) com entalhes laterais, feitos a partir de seixos rolados.

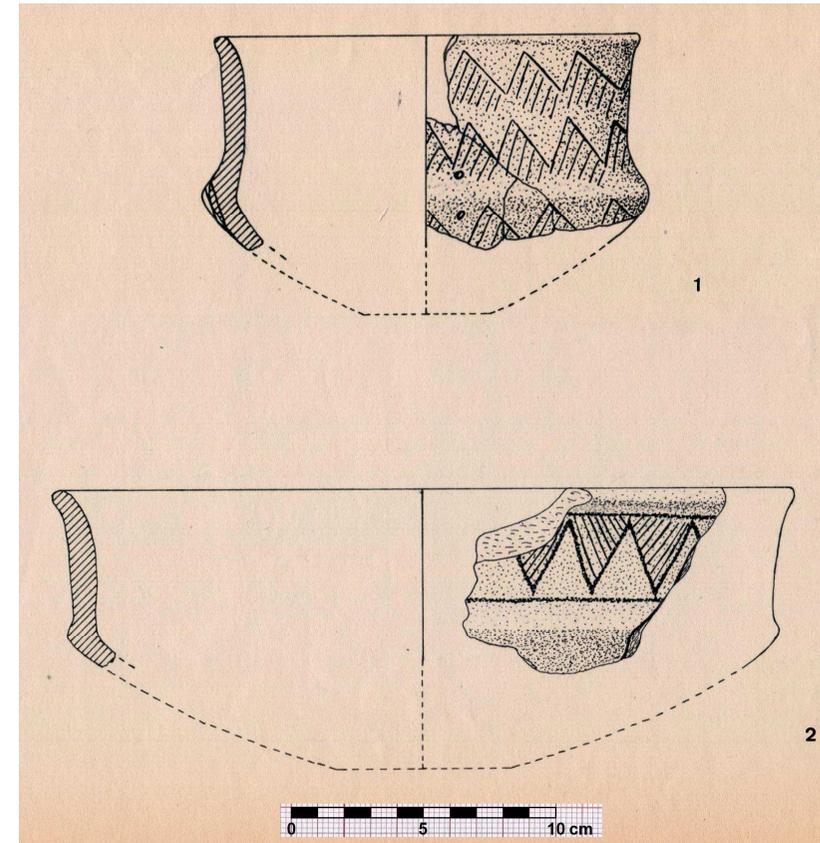


Figura 2. Espólio cerâmico descrito nos pontos 1 e 2. Desenhos executados por João Ludgero Marques Gonçalves.

Em relação à cultura a que este tipo de materiais pertenceriam, e sua cronologia, deparamos com algumas correntes de opinião, naturalmente diferentes.

Em 1970 E. Cunha Serrão propunha o período de transição do Bronze final (Séc. VIII-V a. C.) para a chegada e estabelecimentos deste tipo cerâmico na foz do Tejo, originário talvez do Guadalquivir<sup>7</sup>.

No III Congresso Nacional de Arqueologia, realizado no Porto em 1973, foi apresentada, por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, uma síntese da Cultura de Alpiarça<sup>10</sup>, uma cultura da Idade do Ferro, pós-hallstático. Este trabalho consta essencialmente de um inventário das estações e respectivo mapa de distribuição geográfica, e de um quadro onde se sistematizam os tipos de materiais, representativos da cultura. Segundo os autores, a *“Cultura de Alpiarça representa no extremo oeste da península, uma das fases finais da longa caminhada empreendida algures na Europa, pela ampla e variada família dos povos que atravessou os Pirinéus segundo certos cálculos por volta do século IX a.c.”*<sup>10</sup>. A estação em causa, o Monte de São Martinho, situa-se numa região que corresponde a uma das fases previstas no itinerário da invasão.

Os autores verificaram que o rugoso intencional é um tipo de acabamento mais frequente do que o brunido, motivo por que rejeitaram a inicial designação de cerâmica de engobe brunido do tipo de Alpiarça. Além disso verificaram que nesta cultura a cerâmica decorada não constitui uma regra pelo que lhe atribuem uma importância secundária.

Em suma, esta variedade de cerâmica (em que se filia a cerâmica brunida) a par dos restantes tipos representativos como os braceletes múltiplos de bronze, a fibula de dupla mola, os cossoiros de barro, os elementos de dente de foice, em sílex (usados desde o Neolítico) os pesos de tear (?) com entalhes laterais representam a invasão da península por povos de origem céltica, os povos de campos de urnas, assim chamados por seguirem o ritual da incineração para os seus mortos. É provável que se venha a descobrir na planície subjacente ao Monte de São Martinho uma destas necrópoles de incineração ou campo de urnas de acordo com os dados constantes nas Antiquidades<sup>2</sup>, de Francisco Tavares Proença Jr.

Os autores estabeleceram os limites cronológicos da Cultura de Alpiarça, com base essencialmente nos braceletes múltiplos de bronze, nas fíbulas de dupla mola e nos tipos cerâmicos. Assim a cronologia

absoluta proposta, enquadra esta cultura na Idade do Ferro II (de M. Almagro Basch), entre os séc. V - IV a. C. A partir do Séc. IV a. C. geraram-se uma série de modificações e então é introduzida a cerâmica feita a roda do tipo Numância<sup>10</sup> entrando em desuso a cerâmica manual.

Em contraste, encontramos a opinião de Hermanfrid Schubart que perfilha, entre outros arqueólogos, a ideia de se tratar de uma cultura da Idade do Bronze<sup>17</sup>. Este arqueólogo, no seguimento de constatações anteriores, distingue essencialmente duas áreas de distribuição para este tipo cerâmico, as quais definem o grupo Guadalquivir, no sul de Espanha e o grupo do Tejo (Portugal). Estes dois grupos regionais distinguem-se por algumas variações nas formas e na decoração, com a particularidade de os vasos do grupo sul serem decorados, regra geral, no interior, enquanto as formas do Tejo apresentam motivos decorativos na superfície externa.

Dá considerável importância à decoração e por isso adopta a designação de “cerâmica com decoração brunida”. Considere-a uma cerâmica de origem local (formas) com possíveis implicações em

períodos anteriores e com influências mediterrânicas (técnica de decoração), excluindo qualquer relação directa com formas (tipos) centro-europeias. H. Schubart atribui esta cerâmica à Idade do Bronze final ou tardio, para um período máximo compreendido entre os sécs. X-VII a.C. mormente para o grupo andaluz<sup>12</sup>.

O Monte de São Martinho, com o seu estrato cultural correspondente à cerâmica de engobe brunido, é pois mais uma estação representativa desta cultura ou período e esperamos que venha contribuir, a breve trecho, com a sua quota-parte no “julgamento” das teses expostas.

---

<sup>17</sup> H. Schubart, Acerca de la ceramica del Bronce tardio en el Sur y Oeste Peninsular, in Trabajos de Prehistoria, Vol. 28 (N. Série), Madrid, 1971.

